

A FORMATIVIDADE COMO MOLA PROPULSORA PARA A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DA HUMANIDADE

FRANCISCO JOSÉ CHAVES DA SILVA

Este trabalho tem como objetivo um pequeno esboço a respeito da importância da formatividade como aspecto fundamental para dimensão estética da humanidade, e tem como referencial teórico os livros: *Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade* de Friedrich Schiller (1991); *A Necessidade da Arte* de Ernest Frischer (1976); *Estética: Teoria da Formatividade de Luigi Pareyson* (1993); *Explicando a Filosofia com a Arte* de Charles Feitosa (2004); *O Que é Filosofia* de Gilles Deleuze e Félix Gattari (1992); *Ser e Tempo* de Martin Heidegger (1993), e é parte integrante de algumas inquietações que permeiam e perturbam o meu juízo. É ainda, parte integrante e componente de algumas discussões suscitadas em sala de aula, desde a graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, passando pela pós-graduação em Filosofia Clínica e pela especialização em Metodologias do Ensino de Artes, respectivamente, ambas também, na Universidade Estadual do Ceará, e confluindo com tantas outras discussões alimentadas no Mestrado em Educação na Universidade Federal do Ceará, na disciplina "Correntes Modernas Filosóficas", ministrada pelo professor doutor Gerardo Vasconcelos.

Quero salientar que o presente trabalho não intenciona um aprofundamento dessas questões, tendo em vista a complexidade do tema; mas sim, tem a pretensão de traçar em linhas gerais, comentários a respeito do que seja, o Estado Físico, o Estado Moral, o Estado Estético, o Conhecer, o Expressar e o Fazer, procurando sempre de forma geral analisar de modo que essas categorias se fazem fundamentais para a dimensão estética da humanidade.

Finalizando, teremos um rápido comentário a respeito da importância da formatividade como aspecto fundamental para a questão proposta.

Começo, metaforicamente afirmando que: aquilo que não temos, mas que buscamos, se esconde de nós entre as cortinas e a sua sala de estar do mundo.

Em Platão, é a percepção sensível que nos faz recordar as idéias eternas. Isso não significa apenas que se olharmos duas “coisas” semelhantes, venha-nos ao espírito a noção geométrica precisa da igualdade. Significa sobretudo, que somos sensíveis às coisas; e que pela receptividade à beleza deste mundo, atingimos a suprema beleza do ‘outro mundo’. Não só a razão, mas o espírito de Eros, o amor a todas as coisas belas, é parte necessária do equipamento indispensável à apreensão do mundo como representação simbólica. Segundo o professor Charles Feitosa (2004), “a filosofia e a arte desconfiam do mundo tal como o conhecemos preparando o terreno para a construção de outros mundos”.

Assim sendo, há um caráter formativo inerente a todas as manifestações culturais que permeiam o universo natural do homem. Essa condição atávica, possibilitou o surgimento dos estados os quais o homem tem que atravessar enquanto espécie e indivíduo. Assim, surgiu no homem a necessidade de ser ‘algo’ além dele mesmo; de poder sair do puro Estado de Sensação, envolver-se na contemplação e absolver a beleza fundida na compreensão. Este é o motivo pelo qual a arte pode se tornar uma das razões essenciais da vida para o homem que a exerce e a contempla.

O interesse pela arte se origina espontaneamente do fato de que toda a vida do homem, por seu intrínseco exercício de formatividade, aprendiz, pressagia e a faz existir. E de acordo com Pareyson (1993), a formatividade nada tem a ver com “criatividade”; pois enquanto a criatividade é atividade no sentido absoluto, como tal impensável no homem, a formatividade é uma atividade que tem caráter receptivo e tentativo, de sorte que não opera a não ser começando como o “insight” e não termina a não ser culminando em um resultado; o que certamente é impensável em Deus. Nas suas ações formativas, o homem de certo modo consegue prolongar o poder formante da natureza, como parece confirmar-se pelo fato de que em ponto algum melhor que na arte, revela-se aquele típico destino humano de se encontrar fazendo coisas que depois não consegue penetrar até fundo, em termos de compreensão, e no entanto foi o próprio homem

quem as fez. Certamente porque sentir é verbo edificado com desejos, e acredita só no que olha, é correr o risco de ser (a)traído. Ver, tocar com a retina, com o corpo e com 'alma', é o modo como os artistas captam o mundo e o transformam em arte. E somente como forma é que o resultado de uma operação se despede do seu autor, e sai mundo afora, espírito inteiro e sem amarras, rasgando o ventre, rompendo o plasma, comunicando-se e declarando-se ao mundo e se expressando por si mesma, a tal ponto que o autor dela receba revelações inesperadas e reveladoras, que passam a ganhar validade e exemplaridade para ele mesmo, também! A isto Deleuze (2004) denomina de "bloco de sensações; isto é, um composto de percepções e afetos". Esse é o poder operativo da formatividade, como aspecto fundamental para a dimensão estética da humanidade.

Sentir, saber que sentimos e compreender o que sentimos, é o que nos faz ser o que realmente somos, enquanto humanos. Heidegger, em *Ser e Tempo* (1993), nos leva a crer que todo "sentir" contém em si um sentir "entendedor"; e que todo ver e ouvir contém, respectivamente cada um, elementos "compreendentes"; pois absorvemos essas compreensões, porque estamos sempre contaminados de sentimentos que lhes justificam e efetivam. Ou seja, há sempre em nós algo que nos leva a tentar assimilar o que vemos e ouvimos. Segundo Schiller (1991), 'enquanto não intui e não sente, o homem nada mais é que forma e potencialidade vazia'. Intuir é situação *sine qua non* para o despertar da potencialidade humana; já o sentir, é condição complementar – porém, de teor igual – para que a efetivação da potencialidade se corporifique significativa e substancialmente. No entanto, intuir e sentir são as bases estruturais do perceber que 'pluga' o homem ao Estado Físico. E é pelo o Estado Físico, que o homem acessa à realidade através do perceber; pois é na percepção que o homem não 'cabe em si', e passa a ter algo existente fora dele no espaço, ou mutável dentro dele, no tempo. Deste modo, de acordo com Schiller,

[...] o homem pode viver por duas maneiras em oposição a si mesmo: como selvagem ou como bárbaro. Como selvagem, quando tem seus princípios governados pelos seus sentimentos; e como bárbaro, quando seus princípios destroem seus sentimentos. (1991).

É porém pela beleza apreendida do mundo que o homem, em seu Estado Físico, desenvolve condições de perceber, através da intuição, do sentimento e da reflexão, a existência do estado subjetivo das 'coisas'; pois o intuir é a porta por onde o devir passará e se fará existir, já que tudo que possa ser apreendido pela percepção, e que tenha um certo caráter sensível, nos afeta. O sentir é o canal pelo qual podemos sistematizar, organizar e representar o devir, assim que ele se faça existir. E é na reflexão que a beleza se torna parte fundamental de nossas vidas, uma vez que (quase) sempre buscamos o que nos parece melhor e mais belo, como algo a nos completar. A beleza é, portanto, essencial para nós. Ela nos é algo externo, pois a contemplamos fora de nós; mas é ao mesmo tempo algo interno, pois a sentimos latente em nós. A beleza, seguramente, é fruto da livre contemplação e do modo particular como cada um apreende o universo, e é através dela que nós penetramos o mundo das idéias representativas. O intuir, ou em equivalência, a inspiração, essa imposição primeira que a vida nos faz, sob pena de morrermos, caso não a façamos, é condição essencial para que nos mantenhamos vivos; e como tais, submersos no Estado Físico. Porém, a contemplação é a primeira relação do homem com o mundo estético, que é exterior ao seu. A necessidade natural que conduz o homem no estado da mera sensação, libera o objeto na reflexão, para que ele siga mundo afora, senhor de sua existência, conforme afirma Schiller (1991): "quando surge a luz no homem, deixa de haver noite fora dele". Entretanto, não se deve concluir que tão logo o homem perceba as coisas, tenha se libertado completamente do Estado Físico, já que vê à medida que tem sensações; e ter sensações está para o sentir, assim como o ter idéias está para o pensar.

No entanto, a existência do pensamento carece de um corpo pensante; ou de um corpo que se preste ao propósito de ser instrumento (veículo) da razão e dos desejos intrínsecos à existência humana. Já a forma apenas se faz existir através da matéria. Para que possa emergir do Estado Físico que o absorve, o homem deve dar forma à matéria. E para não ser apenas forma vazia, é preciso que ele dê realidade a disposição que traz em si, e passe a governar os próprios sentimentos.

O homem nasce para o Estado Moral, logo que não aceita o que dele a natureza fez. E é pelo uso da razão que ele tenta transformar a obra da necessidade em obra de sua livre escolha (e não mais apenas desejo) e busca elevar a determinação física imposta pela natureza à determinação moral, que é uma 'criação' sua. De acordo com Fischer (1976), "o homem não coube em si tão-somente. Ele quis se tornar um ser amplo e total. Isso o fez abandonar a sua individualidade para tentar atingir uma plenitude"; plenitude de vida que ora furtada pela individualidade que habita em todas as suas limitações, impedia-lhe de se relacionar com alguma coisa além do seu "eu pessoal". Alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixasse de ser-lhe algo de essencial. O homem sai do Estado Físico, onde era regido pelo poder da sensação, e contempla o que deixou para trás – isso porque a ele é imprescindível retroceder ao sentir, para se conscientizar da imposição do Estado Físico – ser por ele abandonado. Para que o homem chegasse ao Estado de Pensamento, antes teve que passar pelo Estado de Sensações.

O homem não precisou abandonar o Estado Físico por completo para adentrar o Estado Moral; porém é impossível nascer dele (do Estado Físico); pois o Estado Moral só pode nascer apenas do Estado Estético; onde razão e sensibilidade se fundem em ações simultâneas, e a beleza se faz efetivamente existir na vida do homem. Por isso, para conduzir o homem estético ao conhecimento e ao elevado empenho moral, basta-lhe dar boas oportunidades e condições adequadas. E para obter do mesmo, o homem sensível é preciso modificar-lhe parte da sua própria natureza, ao ponto de extraí-lo do Estado de Sensações.

No Estado Físico o homem apenas experimenta o poder da natureza, não tendo como alterá-la; liberta-se desse poder no Estado Estético, para dominá-lo no Estado Moral. No Estado Físico, é mais quantitativo que qualitativo o emaranhado de sensações que perpassam seus sentidos. No Estado Estético a beleza o seduz à experiência sensitiva do ver/ouvir/perceber e o coloca diante do ser aprendiz/fazedor de coisas. É no Estado Moral, que o homem passa a conviver com a lei reguladora da educação cultural propriamente dita.

A transição do espírito entre o primeiro e o último Estado, dá-se através de ações onde sensibilidade e razão atuam em concomitância e em suspensão mútua, gerando o Estado Estético. Submerso no Estado Físico, o homem goza apenas dos sentidos inferiores, vivendo as limitações do mundo das aparências. De acordo com Schiller:

Tão logo começa a satisfazer-se na visão, tornando-se-lhe os olhos um valor autônomo, o homem terá ganho a liberdade estética e o impulso por ele terá sido descoberta. O que vemos pelos olhos é diverso do que sentimos. Na visão e na audição o contato material fica afastado dos sentidos. O objeto de tato é uma força que experimentamos; o dos olhos e dos ouvidos é uma forma que criamos. Porém, a aparência é estética somente quando sincera e autônoma. (SCHILLER, 1991, p. 137).

O sentido de beleza revelado no Estado Estético e atribuído à vida do homem, torna-se assim, a segunda criadora do homem, levando-o à condição de determinação, muito além dos desejos simples; e o colocando diante da possibilidade de realizar coisas antes inexistentes. O homem se desloca do plano da mera sensação, e se autoconduz ao plano ativo/reflexivo/ativo. Foi através do Estado Estético que o homem teve condições de pensar a virtude, a verdade, a felicidade, enquanto ser reflexivo; e condições de tentar exercê-las e poder revelar seus antepostos: raiva, medo, dor. Tentar transformar estas naquelas, deve ser a busca da educação física e moral. O dever da educação estética é revelar a beleza ao mundo. Segundo Schiller,

pela beleza, o homem sensível é conduzido à forma e ao pensamento; pela beleza, o homem espiritual é reconduzido à matéria e recupera o mundo sensível". (1991, p. 137).

No entanto, sabe-se que 'sentir não é ter sensações; assim como pensar não é só ter idéias'.

A cultura estética, portanto, deixa plenamente indeterminados o valor e a dignidade pessoais de um homem, à medida que possam depender dele. E nada se alcançou além da possibilidade natural de fazer ele de si mesmo aqui-

lo que quiser, já que lhe é devolvida completamente a liberdade de ser o que deve. Somente aqui nos sentimos como arrancados ao tempo; nossa humanidade se manifesta com pureza e integridade, como se não houvesse sofrido ainda dano algum pelas forças exteriores. Insatisfeito e revoltado com suas atividades em seu Estado Físico, o homem rebela-se contra sua própria natureza e emerge ao Estado Moral através do uso da razão. Ainda assim, sente-se inconcluso e inquieto. Pois sente e sabe que todas as outras atividades exercidas nos Estados anteriores, dão-lhe ao espírito um destino particular e lhe impõem, também por isso, um limite particular; somente a estética o conduz ao ilimitado. E apenas da ação formativa, pode-se esperar verdadeira liberdade estética.

É preciso que o homem tenha coragem e 'alma' firme para romper os entraves que as acomodações naturais e os temores do coração opõem ao aprendizado. Já ao nascer, o conhecimento tem que travar uma luta contra os sentidos, que não estão preparados para a nova dinâmica; e têm de ser arrancadas do seu tranqüilo repouso. A luta do homem para romper as acomodações de sua natureza e o sossego dos seus sentidos, torna-o desgastado e exaurido; de modo que facilmente ele se depara com as sensações enganosas. Contente por escapar da tonteira fatigante da reflexão, o indivíduo transfere aos outros a tutela sobre os seus conceitos; e se por ventura, alguma necessidade próxima ou distante da sua compreensão palpável, ainda o atormentar, ele se agarrará com fé sedenta as fórmulas que o Estado e os sacerdotes têm conservadas para tais casos. O uso dessas forças conduz o indivíduo, na maioria das vezes, inevitavelmente ao engano. De acordo com Schiller (1991), apesar disso tudo, é bem verdade que só a ação reflexiva da humanidade não teria possibilitado condições de se pensar o infinito, ou não teria como elaborar uma crítica da razão; se a própria razão deixasse de se isolar em sujeitos de especial vocação, liberta de toda matéria, tendo armado com a mais esforçada abstração o olhar para o absoluto.

Fruto da sensação e do entendimento, o espírito estético humano ainda não é capaz de abdicar das amarras da lógica em detrimento da força poética do seu cerne estético; ele tem dificuldades de apreender as coisas em seu sentido puro e original. Para tanto, busca (quase) sempre, 'algo'

que o faça ter em mente uma correlação comparativa, no sentido de lhe proporcionar a compreensão e conseqüentemente a aceitação (ou refutação) desse mesmo 'algo', como uma forma protetora contra a cegueira do engano. No entanto, é inevitável que nos deparemos cotidianamente com revelações de 'novas coisas' que, em termos de aparências e conteúdos, imprimem novos valores às nossas vidas. Mas por conta disso, presenciamos – também – as tentativas de seduçõs através dos apelos que nos tentam levar aos vícios do gosto, que de certa forma, alienam o nosso senso estético. Dos impulsos antagônicos, sensação e pensamento, a humanidade fez nascer o belo, que é uma síntese equilibrada desses dois princípios aparentemente opostos. Esta síntese, porém, é necessariamente existente apenas em uma idéia que de fato nunca se efetiva, pois ela não é possível ser plenamente atingida em uma ação representativa materializável. É essa luta fatigante e prazerosa, que nos leva à busca da depuração do nosso gosto e nos conduz à educação estética. Segundo Schiller:

Todas as coisas que de algum modo possam aparecer são pensáveis em quatro relações diversas. Uma coisa pode relacionar-se imediatamente com o nosso estado sensível! (nossa existência, nosso bem-estar): esta é sua condição física. Ela pode, também, relacionar-se com nosso entendimento, provendo conhecimento: esta é sua qualidade lógica. Ela pode, ainda, relacionar-se com nossa vontade e ser considerada como objeto da opção de um ser racional: esta é sua condição moral. Ou, finalmente, ela pode relacionar-se ao todo de nossas diversas faculdades sem ser objeto determinado para uma isolada dentre elas: esta é sua qualidade estética. Existe, assim, uma educação para a saúde, uma educação do pensamento, uma educação para moralidade, e uma educação para o gosto e a beleza. (1991, p. 110).

Servo da natureza no Estado Físico, o homem se torna seu senhor quando passa a pensá-la, transformá-la e até (de)formá-la. Com base no exposto, será o homem capaz um dia, de sentir, pensar e realizar as coisas a sua volta, de modo sublime; ou isso é tarefa apenas para os deuses?

Filhos do antagonismo que somos (sensação versus pensamento), somente conseguimos fazer as coisas de fato

existirem, quando burlamos a nossa realidade; limitando a ilimitação espacial, ou compartimentando o tempo e dividindo a totalidade temporal em algumas fatias de momentos. A existência totalizante, só nos é possível através da delimitação, assim como o real – também – só nos é atingível através do poder da experimentação humana; o mais, são hipóteses a serem ou não comprovadas.

Somente após a nossa superação da condição de meros apropriadores do que a natureza nos proporciona, é que nos tornamos capazes de sermos seres inventivos e pensantes das coisas concretas e das coisas abstratas do mundo. Apenas a partir desse momento, passamos a nos exprimir livres das determinações impostas pelas circunstâncias naturais que nos dominavam no nosso Estado Físico. Contudo, somente do exprimir jamais nasceria uma realidade significativa para o homem; assim como da mera sensação, jamais desabrocharia uma existência efetiva, caso não houvesse uma representação que desse um sentido à sua vida. Esse sentido somente foi possível através do ato de pensar. O pensar é imprescindível ao homem; esta é sua condição *sine qua non*; sem a qual, o mesmo deixaria de existir como tal, passando a ser qualquer outra coisa, que não fosse o próprio. Condição essa que o homem a utiliza para determinar lugares no espaço circunstancial, e assim fatiar o espaço absoluto, inscrevendo-se momentaneamente no tempo; pois sem a compartimentação do tempo, não teríamos como absorvê-lo em seu sentido real e eterno; nem teríamos como fazer as formas geradas pelo homem existirem. Pois 'o todo só é atingido pelas partes, e o ilimitado pelo limite, e vice-versa'. A forma só se faz existir de modo consciente através do caráter formativo inerente exclusivamente ao homem. Schiller ilumina as nossas compreensões a este respeito afirmando:

Sabemos que o homem individual começa pela mera vida para terminar na forma; que ele é primeiramente indivíduo e somente depois personalidade, que ele marcha das limitações à infinidade. O impulso sensível, portanto, preceda na atuação o racional, pois a sensação é anterior a consciência, e nesta prioridade do impulso sensível encontramos a chave de toda a história da liberdade humana, que a fonte do exprimir da humanidade. (p.108-109).

Liberto do Estado Físico que o aprisionava em sensações, o homem caminha a passos largos em direção da compreensão daquilo que ele mesmo faz, na tentativa de se exprimir ao mundo. Para tanto ele forma, deforma e transforma o meio que o rodeia, submergindo assim, no Estado Estético através do fazer a si.

O fazer enquanto ação conscientizada, somente encontrada no homem, é quem caracteriza o "formar". Entretanto, apenas através do ato de executar algo ainda inexistente, e de modo próprio, autentico e original é que se dá a formatividade; matriz do fazer. Segundo Pareyson:

Fazer é verdadeiramente um "formar", somente quando não se limita a executar algo já idealizado ou realizar um projeto já estabelecido ou a aplicar uma técnica já predisposta ou submeter-se a regras já fixadas, mas no próprio curso da operação inventa o *modus operandi*, e define a regra da obra enquanto a realiza, e concebe executando, e projeta no próprio ato que realiza. Formar, portanto, significa "fazer", mas um fazer tal que, ao fazer ao mesmo tempo inventa o modo de fazer. E só fazendo pode chegar a descobri-lo. (1993, p.59).

Diante de suas necessidades, fazendo "coisas" para si mesmo, o homem foi se construindo historicamente. Inventou fórmulas, conceitos, práticas, procedimentos, sempre atribuindo a tudo isso significados próprios. Saltou do plano da mera sensação à compreensão. Gerou formas e delas abstraiu outras formas; tornando a vida paradoxalmente mais simples e complexa. Mais bela e mais feia ao mesmo tempo. Chegando ao ponto que, sempre que inventa "algo", em concomitância, inventa também, uma nova forma de se manter vivo fazendo novas coisas e coisas novas. O homem, esse bicho inconcluso, não se basta a si mesmo, e sua insatisfação consigo o leva vida a dentro à busca de se completar. Não contente ao inventar "coisas" materiais, ou não se bastando enquanto criatura divina, rebelou-se e inventou deuses. Ainda insatisfeito, mergulhou em atos iconoclastas e sincréticos, transformando-os de acordo com as suas necessidades terrenas. Deus de si mesmo, o homem segue formando-se, deformando-se e transformando-se cotidianamente.

Fazendo-se a cada instante na sua existência o homem conseguiu elevar sua razão à beleza, e a beleza se fez concreta

na sua personalidade. A busca ofegante de algo que o revelasse para si mesmo e o tornar-se do tamanho de suas inquietações, levou-o a emergir do puro Estado de Sensação, para se fazer continuamente no Estado Estético, e a se autoconduzir normativamente no Estado Moral. A formatividade, algo inerente à natureza humana, serviu de luz que iluminou o túnel escuro da transposição do homem nas suas várias tentativas de sair da caverna ilusória das aparências. Libertado do apenas sentir, o homem pode tornar-se seu próprio legislador, tendo a razão e a intuição como guia. Ao desbravar caminhos e trilhas rumo à própria construção existencial, o homem conseguiu colocar lado a lado, algo que parecia impossível; pensamento e sensação. Ainda que esses dois pontos confluem no feliz Estado Estético; onde o lúdico é quem ilustra e sintetiza todo o antagonismo; pois não existe maneira de fazer racional o homem sensível sem torná-lo, antes, estético. E sabemos que é o sentimento educado de beleza que refina os costumes, e desenvolve no homem, o que se pode chamar de apreciação; gosto. A educação dos sentidos, portanto, é a necessidade mais urgente de nosso tempo, não por ser apenas um meio de tornar ativamente favorável à vida o conhecimento aperfeiçoado, mas por despertar por ela mesma, o aperfeiçoamento do saber que possibilita sermos o que somos, e continuarmos sendo por todo o sempre; caso isso seja possível.

Referências Bibliográficas

- FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FEITOSA, Charles. *Explicando a filosofia com arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- DELEUZE, Gilles e FÉLIX, Guattari. *O que é Filosofia?*^{3ª} Reimp. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Introdução e nota de Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1991.
- PAREYSON, Luigi. *Estética: teoria da formatividade*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo (Parte I e II)*. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1993.